

Documentação

SOCIOAMBIENTAL

Fonte: *ESP (The Wall Street Journal Am.)*

Data: *25/3/2002* Pg. *B6*

Class.: *Y621*

Palmito, do conflito na Mata Atlântica às mesas dos EUA

POR MIRIAM JORDAN

Repórter do THE WALL STREET JOURNAL

PARQUE NACIONAL DO ITATIAIA, Rio de Janeiro — Na mesa do americano, o palmito chegou à condição de iguaria.

“As pessoas o adoram”, diz Norman Van Aken, dono e chef do restaurante Norman’s em Miami. Ele diz que os palmitos fazem sucesso especialmente em sua salada com laranja e erva-doce. “Eles têm um sabor muito sutil e uma textura muito sensual. Eles adicionam uma elegância exótica ao prato.”

Isso acontece ao mesmo tempo em que o palmito está no coração de uma batalha sangrenta no Brasil, que junto com a Costa Rica satisfaz a maior parte da demanda pelo produto nos Estados Unidos.

Segundo restaurantes americanos, a demanda nunca foi tão grande. Dona de uma mercearia chique em Nova York, a Balducci, a empresa Sutton

Place Gourmet diz que, de 1980 para cá, houve “uma alta contínua nas vendas” do palmito, segundo uma representante da empresa. Entre 2000 e 2001, as vendas da lata de 400 gramas, que custa no mercado US\$ 3,99, subiram 10%.

No Vong, um restaurante franco-asiático em Manhattan, o chef Ron Gallo usa o palmito para dar um “efeito refrescante” a grelhados apimentados da cozinha tailandesa.

O que os mestres-cucas americanos raramente sabem é que o produto é o objeto de uma guerra entre guardas florestais e palmiteiros no mais antigo santuário ecológico do Brasil, o Parque Nacional do Itatiaia.

Para os entendidos, o melhor palmito do mundo é o extraído do caule da *Euterpes edulis*. É a palmeira juçara, achada na Mata Atlântica. Na reserva do Itatiaia, o prejuízo causado pela iguaria é alto: toda semana, entre 5 mil e 10

mil árvores são derrubadas pelos palmiteiros, cujo exército é maior e mais íntimo com a mata do que o de fiscais. Para ambos os lados, o palmito pode ser uma questão de vida ou morte.

“Não sabia que existia um mercado negro de palmitos”, diz Gallo, o chef em Nova York. Van Aken, do Norman’s em Miami, diz que evita o juçara para preservar as árvores.

Em geral, quem mais sofre é a planta. O palmito é extraído da faixa de até 40 centímetros no topo do caule da palmeira adulta, que mede cerca de 20 metros. Com a extração, a planta — que produz palmito suficiente para apenas duas latas de 400 gramas — morre.

Por culpa do extrativismo, e da rápida urbanização, ficou de pé apenas 7% da flora original da Mata Atlântica. Com isso, o palmiteiro resolveu atacar parques como o do Itatiaia e outras reservas, onde o estoque de palmeiras ainda é grande.

Agora, a guerra do palmito ameaça o santuário fluminense, que atrai 80 mil visitantes todo ano para suas cachoeiras, suas 365 espécies de aves e milhares outras de borboletas. Na reserva, a palmeira é a árvore mais comum, e seus frutos uma fonte crucial de sustento para a fauna da região.

“Se acabar a palmeira, acaba o parque”, lamenta Léo Nascimento, o diretor do Itatiaia que foi jurado de morte pelos palmiteiros. “Aves, macacos, roedores e outros animais dependem da árvore para sobreviver.”

A devastação na reserva é tamanha que o grosso da indústria do palmito rumou para a região amazônica, onde a agroindústria cultiva palmeiras com capacidade de regeneração após a extração do palmito. Para puristas, no entanto, “o melhor palmito do mundo vem da Mata Atlântica”, explica Roberto Cavalcanti, que preside o escritório brasileiro da



Conservation International, de Washington. É que o juçara é mais macio, mais alvo e de sabor mais leve do que as espécies da Amazônia. Em geral, é uma palmeira com o caule mais grosso. Logo, o palmito dela extraído costuma ter um diâmetro maior.

O palmito, seja para consumo nacional ou exportação, é um item fiscalizado pela inspeção sanitária brasileira e deve levar um selo atestando sua

origem. Há, porém, muita falsificação na área. “Se o palmito em seu prato for do Brasil e tiver mais de 25 milímetros de diâmetro, é provável que seja o juçara”, diz José Lelande, diretor de inspeção do Ibama.

Derrubar uma palmeira é um crime punível com cadeia. Mas a vasta área do Itatiaia, junto com a densidade da floresta, torna virtualmente impossível pegar um palmiteiro em flagrante.